

Construir um projeto de educação classista e contra as opressões: avançar rumo à nossa emancipação!

O movimento da educação tem um desafio enorme, se reorganizar e construir um projeto de educação da classe trabalhadora! Esse projeto deve ser pensado a partir da realidade da educação brasileira, a qual tem fortes recortes de opressão, afetando estudantes, professoras/es e servidoras/es negras/os, mulheres e LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais e trans*) de diferentes maneiras, seja no acesso à educação, nas suas condições de permanência em universidades e escolas, na precarização crescente das relações de trabalho, na violência e assédio moral racista, machista e homo-lesbo-bi-transfóbicos sofridos nos espaços de trabalho, estudo e ensino.



Nossos direitos viraram instrumento de barganha entre o governo Dilma (PT) e a bancada fundamentalista, vide o veto ao programa escola sem homofobia (conhecido como kit gay), significando um retrocesso nas lutas do movimento da educação e LGBT, uma vez que as taxas de evasão escolar entre estudantes LGBTs são as mais altas em comparação a outras/os estudantes. Continuamos a mercê dos ditames dos setores mais conservadores da burguesia com a não laicidade das escolas, pelo o ensino religioso garantido nas escolas pela LDB, os baixos salários da rede básica (em que a maioria das/os profissionais são mulheres), a precarização de toda rede pública formando exército de reserva e alimentando a alienação de nossa classe. Reivindicar uma educação pública, gratuita e de qualidade é também lutar por direitos no campo das políticas públicas.

Se organize ... entre em contato conosco

Curitiba - PR: Raphael Portelinha - (41) 9922-4658

Pelotas - RS: Bruna Imai - (41)9616-9658

Rio de Janeiro - RJ: Júlia Nunes - (21)98677-0186

Niterói - RJ: Júlio Albuquerque - (21)98792-1000

Aracaju - SE: Luiz Andrade - (79) 9968-1368

Maceió - AL: Jefferson Henrique - (82) 9649 - 6089

Florianópolis - SC: Fanny Spina - (48) 9600 - 8721

Porto Alegre - RS: Mirella Ramos - (51) 8278-2395

Facebook: [Jornal Germinal](#) Blog: www.jornalgerminal.wordpress.com

No entanto, a troca daqueles pela governabilidade junto aos setores mais conservadores significa um ataque feroz aos interesses da classe trabalhadora, instrumentalizando a educação para a manutenção da ordem opressora vigente. A ausência de uma política coerente de permanência estudantil, com bolsas de permanência, alimentação adequada, transporte, creches (para mães e pais estudantes e trabalhadores/as da educação), moradia e assistência médica dentro das universidades e escolas contribuem para a evasão. Nesse contexto, as cotas sociais e raciais são de extrema importância para garantir o acesso da classe trabalhadora à universidade e aos postos de trabalho.

Nesse 1º ENE não podemos ignorar essa realidade, não podemos continuar com os erros históricos da esquerda de secundarizar tal debate, porque o projeto da classe trabalhadora é rumo a uma sociedade sem exploração, a qual deve ser também uma sociedade sem opressões! A tarefa que se coloca a partir deste espaço é avançar na construção de um projeto de educação (e de sociedade) na perspectiva de classe das/os trabalhadoras/es e que colabore com o processo de formação da identidade de classe, entendendo que é a partir desta que conseguiremos partir em ofensiva contra o capital e rumo à nossa emancipação!



Jornal
germinal
Tambores do Vento que Vem

Ano II. Ed. 6. Agosto de 2014.

Apresentação

Olá Leitor/a! Nesta edição saudamos a construção do 1º Encontro Nacional de Educação e apresentamos alguns dos acúmulos que adquirimos até o momento sobre a nossa concepção de movimento estudantil, contra a criminalização das greves e lutas sociais, combate às opressões, dentre outros eixos.

Mas antes, é preciso nos apresentarmos: O Jornal Germinal é um grupo que se forja no dia a dia das lutas da classe trabalhadora, nas instituições de ensino e outros espaços de atuação da juventude com perspectivas para além deles, almejando e construindo um outro tipo de sociedade. Não nos apresentamos como um coletivo pronto, somos a construção coletiva de uma nova organização.

O jornal é exatamente um instrumento político-organizativo que deve cumprir o papel de aglutinar todos/as que sintam a vontade de se organizar, para formular política, atuar e pensar a sua própria dinâmica.

Nós avaliamos que o movimento estudantil atual tem se deparado com uma série de velhas práticas que dificultam o seu fortalecimento, tais como: a burocratização, a fragmentação das organizações combativas de esquerda, autopromoções, sectarismos, disputa de cargos, acordos de direção, distanciamento da base etc. Esses costumes não estão em sintonia com os anseios da luta social que devemos travar. Vemos muitas organizações se pautarem apenas por cargos e disputas, somente para demarcação, esquecendo que são meramente um instrumento para a transformação que pautamos.

Não nos colocamos enquanto puros/as, isentos/as de contradições e donos/as da verdade e do caminho revolucionário, mas acreditamos que é fundamental apontar os problemas enfrentados pela esquerda na tentativa de avançar em novas construções. O próprio Jornal Germinal surge a partir do contexto de reorganização do movimento estudantil na luta por uma educação verdadeiramente pública, gratuita e de qualidade. Boa Leitura!!!

Por que ninguém mais fala em "reorganização do movimento estudantil"? Como chegamos a esse ponto? Ficaremos mesmo neste lugar?

Existe uma fragmentação muito grande no movimento estudantil hoje. Esta, por sua vez, é fruto de um processo histórico que possibilitou e possibilita uma desorganização geral. Mas por que isso acontece?

Dois fatores são fundamentais para a nossa compreensão: a reforma Universitária burguesa no Brasil que redefine o papel da instituição na sociedade, e a ascensão do PT ao governo federal, que capitulou com o projeto do capital e dividiu as forças de esquerda.

Como consequência desses fatores, existem posturas que contribuem para tal fragmentação. De um lado o sectarismo e a auto construção presente no debate entre Oposição de Esquerda da UNE (setor combativo que atua dentro da entidade e que faz a disputa em seus espaços) e ANEL (entidade construída a partir da ruptura de um setor da esquerda com a UNE), do outro a indiferença frente ao debate nacional. É a que aponta "nem UNE nem ANEL", mas não apresenta perspectivas.

Ambas as posições, mais do que sectárias ou indiferentes, representam falsas respostas. São, portanto, irresponsáveis com o movimento. É necessário que todas as organizações e setores reconheçam que a defesa da reorganização da esquerda não é uma opção, mas sim uma necessidade histórica. Estamos fragmentados, divididos, diminuídos, com visões parciais sobre a realidade das universidades.

O debate de reorganização do ME vai muito além de mudanças de estruturas e de entidades ou do isolamento local. Passa principalmente pelo balanço sobre as concepções construídas historicamente, e que norteiam as práticas atuais. O movimento estudantil apresenta hoje diversos espaços de reorganização ao qual devemos aprofundar e nos debruçar a construir.

É tempo de assumir um compromisso real com a unidade da esquerda, dar passos à frente, fazê-la acontecer. Nem indiferença, nem sectarismo!

O 1º Encontro Nacional da Educação é uma oportunidade, a primeira desde o CNGE (Comando Nacional de Greve Estudantil), para darmos um passo à frente na construção de plataformas unitárias de luta!



APRENDENDO COM O 1º ENE: Reorganização do movimento, unidade da esquerda e a importância da aliança com a classe trabalhadora!

Desde as greves da educação básica e ocupações de reitoria em 2011 a classe trabalhadora tem avançado em mobilizações. Em 2012 realizamos a maior greve da história da educação superior no Brasil. Em 2013 milhões de pessoas foram às ruas em crítica à falta de direitos, aos partidos e à ordem dominante. Vivemos uma nova situação política e é no interior desse ascenso de lutas que vem o 1º ENE: um grande passo para a reorganização do movimento da educação, em unidade entre trabalhadores/as e estudantes.

O 1º ENE ensina: não é possível fazer movimento da educação sem olhar para a educação como um todo, a partir da centralidade do trabalho. Os ensinos básico e superior, no campo e na cidade, cumprem papéis centrais na formação da classe trabalhadora brasileira e na transmissão e sistematização da ideologia dominante. Essas funções não ocorrem sem resistência, no entanto. Salários de fome, espaços sem democracia, precarizados, mercantilizados, recheados de opressão: é nesta educação que educandos/as e educadoras/es nos reconhecemos e percebemos a importância de estar em luta.



O 1º ENE também ensina: não podemos fazer movimento de forma localizada e fragmentada, contentados em ser "minorias". A educação é uma pauta da classe trabalhadora e devemos fazê-la ter autoridade junto à maioria da população. Os sindicatos que se colocam em luta, bem como as organizações e entidades estudantis, devemos construir fóruns permanentes que não permitam que os de cima continuem fazendo com que pareçamos poucos e separados. Eles detêm as empresas, a mídia, as polícias, os aparatos ideológicos e repressores. Mas somos a maioria e não temos dúvida: nossa unidade é nossa maior arma para enfrentá-los de frente.



A construção dessa unidade não tem fórmula pronta, nem se dará de forma imediata. No entanto, requer passos firmes e responsáveis. Devemos saudar o acontecimento do 1º ENE, que se propõe a dar passos concretos na construção de fóruns unitários e plataformas de luta. Junto à saudação, desde já afirmamos: é o primeiro de muitos! Nenhum passo atrás na construção da unidade e da reorganização da esquerda!

Etapas preparatórias para o ENE

Sergipe - dezembro de 2013

Rio Grande do Sul - 30 de maio a 01 de junho

Paraná - 15, 17, 23, 24, 29 de maio

Santa Catarina - 11 e 12 de julho

Goiás - 25 e 27 de julho

Espírito Santo - 18 de julho

Ceará - 18, 19, 20 de julho

São Paulo - 26 de julho

Piauí - 26 de julho

Pará - 25 e 26 de junho

Bahia - 12 e 13 de julho

Acre - 09 de julho

Pernambuco - 24 e 25 de julho

Minas Gerais - 25 de julho

Amapá - 25 de julho

Amazonas - 25 e 26 de julho

Maranhão - fim de maio

Alagoas - 04 de agosto